

Fotínia: espécie ornamental para a Serra Catarinense

Marlise Nara Ciotta¹ e Eduardo da Costa Nunes²

Introdução

A floricultura é considerada atividade agrícola intensiva, com média nacional de área cultivada de 3,5ha por propriedade (Junqueira, 2008). Por outro lado, envolve uma complexa cadeia produtiva que engloba vários setores ou tipos de produtos. O setor é bastante amplo e vem evoluindo com crescimento, especialização e diversificação de produtos pela introdução de novas espécies, cultivares e variedades com formatos e cores diferentes, com o objetivo de estimular o consumo no Brasil, considerado baixo quando comparado aos mercados americano e europeu (Se-

brae, 2005; Junqueira, 2008). O mercado envolve desde a produção de flores anuais para jardins, até flores e folhagens de corte e vaso, mudas, material de propagação, como bulbos, rizomas, estacas e cormos.

O clima típico da Serra Catarinense possibilita o cultivo de espécies que não se adaptam a outras regiões ou que apresentam coloração diferenciada ou maior desenvolvimento, entre outras características potenciais, quando cultivadas naquela parte do Estado. A região caracteriza-se pelo clima Cfb, segundo a classificação de Köppen, com baixas temperaturas no inverno e verão ameno, com amplas oscilações térmicas

entre o dia e a noite.

A fotínia (*Photinia fraseri*) é uma espécie pertencente à família das rosáceas e apresenta bom desenvolvimento nesse tipo de clima (Figura 1). No entanto, ainda é pouco conhecida e utilizada na floricultura. Trata-se de um arbusto grande, atingindo de 3 a 5m de altura, perenifólio, popularmente conhecido como fotínia ou fotínia-vermelha. De origem asiática, a espécie é resultado de um cruzamento entre a *P. serrulata* (originária da China) e a *P. glabra* (originária do Japão). Apresenta o tronco cilíndrico, revestido por uma casca rugosa, e a ramagem curta e tortuosa, formando uma copa quase globosa e



Figura 1. Exemplos de fotínia (*Photinia fraseri*) cultivados na Epagri / Estação Experimental de São Joaquim, SC



Figura 2. Coloração vermelha intensa de plantas de fotínia (*Photinia fraseri*)

Recebido em 9/6/2011. Aceito para publicação em 16/5/2012.

¹ Engenheira-agrônoma, M.Sc., Epagri / Estação Experimental de São Joaquim, C.P. 81, 88.600-000 São Joaquim, SC, fone: (49) 3233-0324, e-mail: marlise@epagri.sc.gov.br.

² Engenheiro-agrônomo, M.Sc., Epagri / Estação Experimental de São Joaquim, e-mail: eduardon@epagri.sc.gov.br.

densa. As folhas são simples, elípticas ou ovalado-alongadas, brilhantes, com as margens serrilhadas e de coloração vermelha. Sua multiplicação ocorre exclusivamente por meios vegetativos, especialmente estaquia ou alporquia. O cultivo ocorre em locais ensolarados, com solo permeável e fértil, rico em material orgânico (Lorenzi et al., 2003).

O valor ornamental da espécie está na coloração das folhas (Figura 2). A folhagem nova, de cor vermelha, contrasta com o verde-escuro das folhas mais velhas. Inclusive a coloração atinge o auge durante o outono e o inverno. Além da coloração, as folhas apresentam intenso brilho, o que possibilita o aproveitamento de qualquer haste da planta.

As mudas são obtidas pela produção por estacas durante o período de inverno. O desenvolvimento posterior é relativamente rápido, podendo ocorrer o transplante para o campo ou vasos definitivos após 2 ou 3 meses.

Usos potenciais

As flores e as plantas ornamentais apresentam valor estético por sua arquitetura, cores, formato, perfume, ou mesmo por valores medicinais, ecológicos ou econômicos (Marques, 2003).

A fotínia é uma espécie versátil, com várias possibilidades de uso na floricultura. Uma delas é a utilização como verde de corte, em arranjos florais, compondo e dando volume em buquês de flores, ou o plantio como cercas vivas ou arbusto isolado compondo a paisagem em jardins (Lorenzi, et al. 2003).

O setor de folhagens ou plantas de corte envolve o cultivo e a comercialização de espécies que têm sua beleza ornamental não na flor, mas destacada na porção vegetativa da planta, como os ramos enfolhados, herbáceos e lenhosos, utilizados principalmente na composição de arranjos florais.

Para que uma espécie tenha bom potencial como folhagem de corte, algumas características são necessárias, como firmeza da haste, durabilidade,

formato e coloração das folhas, entre tantas outras. Segundo Stumpf (2005), a escolha de espécies para compor os arranjos florais é feita com base na durabilidade, beleza, preferência do consumidor e disponibilidade do produto no mercado. No caso da fotínia, as baixas temperaturas fazem que os brotos e as folhas mais novas adquiram uma coloração vermelha mais intensa. A cor também é fundamental na arte floral, pois com ela se pode imprimir suavidade ou agressividade, compor contrastes ou mesmo complementação pela harmonia (Kikuchi, 1995).

Dados preliminares de experimentos conduzidos na Epagri / Estação Experimental de São Joaquim, SC, indicam que a fotínia é uma espécie com grande durabilidade de hastes após a colheita. Isso é importante quando o produto precisa ser transportado a longas distâncias para comercialização. Além da durabilidade pós-colheita, normalmente o florista ou decorador deseja hastes mais longas, pois facilitam o manuseio nos arranjos florais e permitem o corte ou ajuste de tamanho. O padrão de qualidade envolve uma classificação das hastes pelo aspecto visual, principalmente quanto à sanidade e ao comprimento. Para outras espécies há o Padrão Ibraflor de Qualidade, publicação do Instituto Brasileiro de Floricultura (Ibraflor, 2012). A comercialização e o preço pago dependem dessas características, sendo o produto vendido por maços (número de hastes) ou peso do pacote. Por isso, na comercialização, tão importante quanto o tamanho das hastes é seu peso.

Do total cultivado com flores e plantas ornamentais no Brasil, apenas 2,6% são de folhagens de corte (Síntese..., 2007). O cultivo de folhagens para corte não é recente, mas com pequena oferta de produtos até a década de 80 (Oshiro, 2001). Segundo o autor, o aumento da oferta de hastes de corte foi inicialmente decorrente da extração de espécies de ocorrência natural, abundantes em seu ecossistema. Para o atendimento da demanda, uma vez que o uso é muito amplo, para os diversos tipos de arranjos florais, os cultivos

comerciais dessas espécies foram obrigatoriamente introduzidos.

Nos mercados de São Paulo, a comercialização desse tipo de produto é feita quase exclusivamente do produtor para os atacadistas, que revendem a floristas e empresas de decoração. Oshiro (2001) identificou 64 espécies de folhagens cortadas como as mais comercializadas. O estudo também demonstrou que a oferta dos produtos pode variar em função da época do ano, do mercado e da região produtora.

Stumpf (2005), em pesquisa realizada no estado do Rio Grande do Sul, mostrou que samambaias, juncos, tuias e aspargos são bastante usados atualmente no mercado regional. O mesmo estudo demonstrou que espécies menos convencionais, como pitósporo (*Pittosporum* sp.), fórmio (*Phormium tenax*), hera (*Hera* spp.) e murta (*Myrtus communis*) também são importantes como folhagens de corte.

Até algum tempo atrás, as espécies mais utilizadas em arranjos florais eram a gipsofila, ou mosquitinho, (*Gypsophila* sp.) e o tango (*Solidago* sp.). Atualmente, os produtos mais procurados são as folhas de avencão, aspargos ornamentais, tuias, vime, fórmio, moreia, camélia, eucalipto e trigo (Junqueira, 2008). Segundo o mesmo autor, houve, nas últimas décadas, uma homogeneização dos hábitos de consumo. As flores e plantas regionais perderam a importância e a preferência dos consumidores em face da qualidade, do padrão e das ofertas abundantes e regulares dos produtos da floricultura do Sul e Sudeste do País. É comum ocorrer ainda a reintrodução de produtos que caíram em desuso (Nascimento et al., 2003).

Além do uso como folhagem de corte, a fotínia também pode ser usada no paisagismo em parques, jardins e arborização urbana, como cerca viva ou mesmo em cultivo isolado, como arbusto ou arvoreta (Figura 3, A e B). Destaca-se no paisagismo por atender as principais características, como plasticidade, porte, textura, tamanho, coloração de flores, folhas e caule, adaptação ao ambiente de uso, resistência a pragas e doenças, atração ▶



Figura 3. Arbustos de *Photinia fraseri* cultivados na Epagri / Estação Experimental de São Joaquim, SC

da avifauna, tipo de sistema radicular e outros.

O manejo pela poda é possível para a espécie. A poda nos meses do inverno pode intensificar a coloração vermelha, pois induz aumento na quantidade de ramos e folhas novas. Quando o interesse são as hastes para arranjos, o corte pode ser feito uma vez no ano, no verão, ou mais vezes, dependendo do comprimento de haste desejado.

Considerações finais

A introdução de novas espécies na floricultura é de grande importância para o crescimento do setor, pois amplia a variedade de produtos disponíveis, atendendo as necessidades de produtores e consumidores por novidades, desenvolvendo a competitividade e estimulando a comercialização. As floriculturas tradicionais da região serrana nos municípios de São Joaquim e Lages já possuem mudas de fotínia disponíveis para venda.

A plasticidade da fotínia potencializa a espécie para diversos usos dentro dos setores da produção de plantas ornamentais, mais ainda na Região Serrana Catarinense, por sua adaptação ao clima e por ser perene. Pode ser manejada com podas, não necessitando

replanteio, o que evita problemas de preparo e manejo do solo. Também pode ser plantada em solos marginais, não propícios ao plantio de outras culturas, como frutíferas. Além de tudo isso, é uma possibilidade de renda para pequenas propriedades.

Literatura citada

1. IBRAFLOR. **Padrão Ibraflor de qualidade**. Disponível em: <<http://www.ibraflor.com/qualidade.php>> Acesso em: 6 de fev. 2012.
2. JUNQUEIRA, A.H.; PEETZ, M. de S. Mercado interno para produtos da floricultura: características, tendências e importância socioeconômica recente. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.14, n.1, p.37-52, 2008.
3. KIKUCHI, O.Y. **Ornamentação floral**. São Paulo: Senac, 1995. 73p.
4. LORENZI, H.; SOUZA, H.M.; TORRES, M.A.V. et al. **Árvores exóticas no Brasil**: madeiras, ornamentais e exóticas. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2003. 384p.
5. MARQUES, R.W.C.; CAIXETA FILHO, J.V.C. Avaliação da sazonalidade do mercado de flores e plantas ornamentais no Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.9, n.2, p.143-160, 2003.
6. NASCIMENTO, T.M.; GRAZIANO, T.T.; LOPES, C.S. Espécies e cultivares de Sansevéria. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.9, n.2, p.111-119, 2003.
7. OSHIRO, L.; GRAZIANO, T.T.; DEMATTÊ, M.E. Comercialização e produção de folhagem ornamental de corte no Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Campinas, v.7, n.1, p.1-8, 2001.
8. SEBRAE. Expansão da floricultura. **Sebrae Agronegócios**, Brasília, n.1, p.16-18, 2005.
9. SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA: 2006-2007. Florianópolis: Epagri/ Cepa, 2007.
10. STUMPF, E.R.T.; FISCHER, S.Z.; NEITZKE, R.S. et al. Uso de folhagens de corte em floricultura da região Sul do Rio Grande do Sul. In: FÓRUM LATINO AMERICANO DE PLANTAS ORNAMENTAIS, 2., 2005, Nova Petrópolis, RS. **Livro de resumos...** Nova Petrópolis, RS: Aflori, 2005. p.65-66. ■